

o que de estranho se verificasse, transmitindo ao chefe do controle as irregularidades porventura apuradas”(316). Os jornais passaram, assim, por gosto ou a contragosto, a servir à ditadura. Em março de 1940, a redação do *Estado de São Paulo* foi ocupada pela polícia militar: acusando os proprietários e diretores de terem ali armas escondidas, o jornal foi tomado, reaparecendo diretamente subordinado ao DIP, sob a direção de Abner Mourão, vindo do *Correio Paulistano*. O DIP distribuía verbas a jornais e emissoras: “Jornais enriqueceram e jornalistas se corromperam, o quanto era possível enriquecer-se e corromper-se”(317). Entre os jornais empresariais, raríssimos foram os que não se corromperam. Constituiu exemplo digno de lembrança, o caso excepcional do *Diário de Notícias*, do Rio, em que Orlando Ribeiro Dantas manteve atitude de compostura.

As duas grandes organizações do Estado Novo foram, sem a menor dúvida, o DIP e o DOPS. A história das mazelas policiais de tal regime ainda não foi contada, mas foram numerosos as publicações que, desde 1945, as denunciaram, em aspectos parciais(318). O depoimento de Everardo Dias pode servir de exemplo, simples exemplo, pois, dessa forma ou de outra, milhares de pessoas foram presas, torturadas, assassinadas, vigiadas: “O autor passou meses ou anos, durante um bem acidentado período (de 1917 a 1937), conservado nos presídios e respondendo a vários processos. Sempre vigiado, sempre suspeitado. De 37 em diante, durante o terror branco do Estado Novo, teve de viver como um ser abúlico, para não ser encarcerado, ou talvez pior. Tinha de dizer o que fazia, onde morava, que profissão exercia, de que vivia, que amizades cultivava. . . Vivia num subúrbio da capital e tinha, para tomar o trem, que exibir um salvo-conduto. . . Sempre a mercê de *tiras* nem sempre delicados e compreensivos, pelo contrário exigentes e rosnando ameaças. . .”(319) Apesar desse clima, como só restava para a imprensa livre um recurso, o da clandestinidade, foi este bastante usado(320).

A relação dos desmandos que caracterizaram o Estado Novo não cabe, evidentemente, aqui(321). As conseqüências que essa forma totalitária do

(316) Freitas Nobre: op. cit., pág. 96.

(317) Freitas Nobre: op. cit., pág. 96.

(318) Nelson Werneck Sodré: *História Militar do Brasil*, Rio, 1965. Nesse livro são apreciados alguns, só alguns, casos de torturas aplicados pelos DOPS e outros órgãos de repressão.

(319) Everardo Dias: op. cit., pág. 315.

(320) A história da imprensa clandestina sob a ditadura exigiria trabalho específico; sem falar nos órgãos comunistas, que foram vários, pode-se mencionar a *Folha Dobrada*, de 1939, logo apreendida, e *A Resistência*, de 1944.

(321) Além de ser trabalho literário já clássico, é importante para conhecimento daquela época a obra de Graciliano Ramos: *Memórias do Cárcere*, 4 vols., Rio, 1954.